

LIÇÃO 11 - A Dignidade da Primeira Inteligência

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 9: 1074b 15-1075a 10

“ 1089. As coisas que pertencem ao intelecto (ou mente) envolvem certas dificuldades; pois, dentre as coisas que nos são aparentes, ele parece ser o mais divino; mas como ele é assim dá origem a certas dificuldades.

1090. Pois, se ele não está realmente entendendo, mas está, de certo modo, como alguém que dorme, que dignidade terá? Ou, se ele está entendendo, mas seu bem principal é diferente de si mesmo, então, visto que sua essência não é um ato de entendimento, mas uma potencialidade, ele não será a melhor substância; pois é em razão de seu ato de entendimento que a dignidade lhe pertence.

1091. Além disso, se sua substância é seu poder de entender ou seu ato de entendimento, o que ele entende? Pois ele entende ou a si mesmo ou algo mais; e se algo mais, ou sempre a mesma coisa ou algo diferente.

1092. Faz alguma diferença ou não, então, se ele entende o que é bom ou o que é contingente? Ou é absurdo que ele pondere sobre certas coisas?

1093. Portanto, é evidente que ele entende o que é mais divino e honroso, e que ele não muda; pois uma mudança seria para pior, e isso já seria movimento.

1094. Portanto, se o primeiro motor não é seu ato de entendimento, mas uma potência, é razoável supor, primeiro, que a continuidade de seu ato de entendimento lhe é laboriosa (797).

1095. Segundo, que há evidentemente algo mais honroso do que o intelecto, a saber, o que ele entende. Pois tanto o poder de entender quanto o próprio entendimento pertencem até mesmo àquele que entende a coisa mais baixa. Isso, portanto, deve ser evitado; pois há algumas coisas que é melhor não ver do que ver. Mas isso não será assim se o ato de entendimento é a melhor das coisas. Portanto, se existe um intelecto mais poderoso, ele deve entender a si mesmo.

1096. *E seu ato de entendimento é um entendimento do entendimento. Mas a ciência, a percepção, a opinião e o pensamento sempre parecem ser sobre algo mais e apenas indiretamente sobre si mesmos.*

1097. *Novamente, se o entendimento é algo diferente do ser entendido, de qual destes o intelecto deriva sua bondade? Pois a essência do entendimento e a do ser entendido não são as mesmas.*

1098. *Mas, em certos casos, o entendimento não é idêntico à coisa entendida? Pois, nas ciências produtivas, o objeto é a substância ou a quiddidade sem matéria; e nas ciências teóricas, a estrutura inteligível é tanto o objeto quanto o entendimento dela. Portanto, visto que o objeto do entendimento não difere do ato de entendimento no caso das coisas que não têm matéria, eles serão o mesmo; e o ato de entendimento será idêntico à coisa entendida.*

1099. *No entanto, a dificuldade ainda permanece se a coisa que ele entende é composta; pois, se é, o intelecto será mudado ao passar de uma parte do todo para outra.*

1100. *Ora, tudo o que não tem matéria é indivisível, por exemplo, a mente humana.*

1101. *E o ato de entender coisas compostas envolve tempo. Pois ele não possui sua bondade neste ou naquele momento, mas atinge o maior bem ao longo de um período inteiro de tempo, e isso é algo diferente de si mesmo. E um intelecto que entende a si mesmo está neste estado por toda a eternidade.*

COMENTÁRIO

2600. Tendo resolvido a questão sobre a perfeição e a unidade desta substância imaterial, o Filósofo agora enfrenta certas dificuldades concernentes à sua atividade; pois foi mostrado acima (1067-70:C 2519-35) que a primeira substância imaterial causa movimento como um objeto inteligível e um bem desejável. Isso é dividido em duas partes. Na primeira (1089:C 2600) ele resolve certas dificuldades sobre a primeira substância imaterial na medida em que ela é um bem inteligível e um intelecto; e na segunda (1102:C 2627), na medida em que ela é um bem desejável ("Devemos também investigar").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, apresenta a razão da dificuldade concernente ao intelecto da primeira substância. Segundo (1090:C 2901), ele levanta e enfrenta essa dificuldade ("Pois se não é").

Assim, ele diz, primeiro (1089), que as coisas que pertencem ao intelecto da primeira substância imaterial envolvem certas dificuldades, e estas parecem surgir da seguinte forma. O Filósofo mostrou que o intelecto que compreende e deseja o primeiro motor imóvel, que causa o movimento

como objeto de compreensão e de desejo, tem algo mais nobre do que si mesmo, ou seja, o que é compreendido e desejado por ele. Ele também mostrou que o próprio primeiro objeto inteligível é também um intelecto. Portanto, por razão semelhante, poderia parecer que o primeiro intelecto também tem algo mais nobre e superior a si mesmo, e que, conseqüentemente, não é a coisa mais elevada e melhor. Mas isso é contrário às verdades que são evidentes sobre o primeiro princípio; e assim ele diz aqui que parece evidente a todos que este princípio é o mais nobre. No entanto, certas dificuldades emergem se alguém deseja explicar como ele é "o mais nobre", ou seja, o melhor e o mais perfeito.

2601. Pois se não é (1090).

Então ele esclarece essas dificuldades; e quanto a isso, ele faz três coisas. Primeiro, levanta as dificuldades. Segundo (1093:C 2606), ele prefacia sua discussão com certos pré-requisitos para enfrentar todas as questões levantadas ("Portanto, é evidente"). Terceiro (1094:C 2608), ele resolve essas dificuldades ("Portanto, se o primeiro motor").

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro (1090), ele levanta as questões nas quais está principalmente interessado. Segundo (1092:C 2604), ele introduz uma questão adicional cuja solução é necessária para resolver as questões levantadas ("Faz diferença").

Primeiramente, ele levanta duas questões. Ele pergunta, primeiro, como o intelecto do primeiro motor se relaciona com seu próprio ato de compreensão; e segundo (1091:C 2603), como ele se relaciona com seu próprio objeto inteligível ("Além disso, se").

Agora, deve-se notar que um intelecto pode se relacionar com seu próprio ato de compreensão de três maneiras: primeiro, a compreensão atual não lhe pertence, mas apenas a compreensão potencial ou habitual; segundo, a compreensão atual lhe pertence; e terceiro, ele é idêntico ao seu próprio ato de compreensão ou ao seu próprio conhecimento, que são a mesma coisa.

2602. Ele diz, portanto, primeiro (1090), que, se o intelecto do primeiro motor não está realmente compreendendo, mas apenas potencial ou habitualmente compreendendo, ele não terá dignidade alguma; pois a bondade e nobreza de um intelecto consistem em seu ato de compreender, e um intelecto que é apenas potencial ou habitualmente compreendendo é como alguém adormecido. Pois alguém adormecido tem certos poderes que o capacitam a realizar operações vitais, mesmo que não os esteja usando, e assim se diz que está meio vivo; e durante o sono não há diferença entre felicidade e infelicidade ou entre virtude e vício. Mas se o intelecto da primeira inteligência está realmente compreendendo, ainda assim seu bem principal, que é sua atividade, é algo diferente de si mesmo porque seu "ato de compreensão", ou seja, sua atividade intelectual, não é idêntico à sua própria essência, então sua essência se relaciona com seu ato de compreensão como potencialidade para atualidade, e como algo perfectível para sua perfeição. Conseqüentemente, segue-se que o primeiro intelecto não é a melhor substância; pois é em razão de seu ato de compreensão que a honra e a nobreza lhe pertencem, e nada que é nobre em comparação com outra coisa é o mais nobre em si mesmo. Parece seguir-se, então, que a essência do primeiro intelecto não é a melhor, quer ele compreenda apenas potencialmente ou realmente, a menos que se assuma junto com isso que sua própria essência é idêntica ao seu ato de compreensão, como ele estabelecerá mais adiante (1094:C 2608).

2603. Além disso, se sua substância (1091).

Antes de responder às questões levantadas, ele pergunta outra sobre o objeto inteligível do primeiro motor. Ele diz que, quer a essência do primeiro motor seja seu poder de compreender ou seu "ato de compreensão", ou seja, sua atividade intelectual ou pensamento (esta foi a primeira questão levantada), ainda devemos perguntar o que ele compreende? Pois ele compreende a si mesmo ou algo mais. E se compreende algo mais, deve compreender sempre a mesma coisa ou algo diferente, ou seja, às vezes uma coisa e às vezes outra.

2604. Faz alguma diferença (1092).

Assim, antes de responder às questões anteriores, ele introduz outra questão cuja solução é útil para dar a resposta; isto é, se faz diferença ou nenhuma para a nobreza ou perfeição do intelecto que ele compreenda o que é bom e nobre ou o que é contingente.

2605. Usando um exemplo, ele mostra que faz diferença, porque parece incongruente e irracional que alguém pondere ou empregue a operação de seu intelecto em coisas que são baixas. Para que isso não fosse o caso, seria necessário que a nobreza do intelecto fosse independente da nobreza de seu objeto, e que a compreensão de coisas baixas não fosse diferente da compreensão de coisas boas. Mas isso é bastante impossível, uma vez que as atividades são evidentemente especificadas por seus objetos próprios. Portanto, quanto mais nobre um objeto, mais nobre deve ser a operação.

2606. Portanto, é evidente (1093).

Então ele prefacia sua discussão com certos pré-requisitos que são necessários para enfrentar todas as questões levantadas; e isso ele faz (1093). Ele diz que, a partir do que foi dito, é evidente que, das substâncias imateriais, a primeira e mais nobre é o próprio Deus, e que ele é um ser perpétuo, ou seja, eterno, e que sua substância é um ato, sem qualquer potencialidade, como foi provado no livro 9 da *Metafísica*. Ora, o que é em ato sem qualquer potencialidade não pode ter algo mais nobre do que si mesmo; pois nada é mais nobre do que o ato puro. E, conseqüentemente, não pode haver um intelecto mais nobre do que ele, nem algo mais nobre do que seu objeto inteligível. E assim os argumentos levantados são respondidos.

2607. A partir disso, ele também mostra como as substâncias imateriais diferem das materiais. Pois nas substâncias materiais, aquilo que é mais nobre, a saber, a alma, não é a substância mais nobre, mas existe algo mais nobre do que ela, a saber, o intelecto separado, e além disso o primeiro intelecto. Mas na primeira substância imaterial, nada existe mais nobre do que ela mesma. E assim é evidente que o primeiro motor é a substância mais nobre.

2608. Portanto, se o primeiro motor (1094).

Então ele resolve as dificuldades levantadas; e isso ele faz (1094). E primeiro, ele responde à questão sobre o ato de compreensão do primeiro motor. Segundo (1096:C 2612), ele responde à questão sobre seu objeto inteligível ("Portanto, é evidente").

Quanto ao primeiro, deve-se notar que o Filósofo estabeleceu que na primeira substância imaterial não há potencialidade, mas ato puro. Portanto, não pode ser que seu intelecto seja apenas potencialmente compreendendo, nem que esteja em ato de compreender como algo diferente de sua essência. Mas deve ser que sua própria compreensão seja sua substância e seu ser. E assim, diz ele, que se o primeiro motor é ato puro e a substância mais nobre, segue-se necessariamente que ele compreende a si mesmo, e que sua compreensão é a compreensão da compreensão, ou seja, seu ato de compreender é o seu ser, e seu ato de compreender é idêntico ao que é compreendido. Pois naquelas coisas que são imateriais e inteligíveis, o sujeito que entende e o objeto entendido são o mesmo; assim, o conhecimento intelectual é o mesmo que o objeto conhecido. Portanto, na primeira substância, que é ato puro, o ato de compreender não difere do que é compreendido, mas ambos são idênticos.

2609. Ele prova isso pelo que foi dito antes, no livro sobre a Alma, que nas coisas que são sem matéria, o intelecto e o inteligível são o mesmo. E isso deve ser entendido como referindo-se ao intelecto em ato e ao inteligível em ato; pois o intelecto em ato é o objeto inteligível em ato. Mas isso é verdadeiro de forma mais perfeita e eminente em Deus do que em outros intelectos separados, porque neles o ato de compreender não é sua substância, mas apenas sua operação, embora neles não haja diferença entre o intelecto e o objeto inteligível em ato. Mas em Deus, o próprio ato de compreender é sua substância; e, portanto, em Deus, de maneira única, o intelecto, o ato de compreender e o objeto inteligível são perfeitamente idênticos.

2610. Ele também mostra isso por uma razão tomada a partir do objeto do intelecto divino. Pois se o primeiro motor é a substância mais nobre, como foi dito, segue-se que ele compreende o que é mais nobre, e que sua compreensão é a mais nobre. Pois a operação é especificada pelo objeto. Mas a operação mais nobre é a do mais nobre intelecto sobre o mais nobre objeto inteligível. Portanto, como o primeiro motor é o mais nobre, ele deve compreender o que é mais nobre, ou seja, a si mesmo; e assim sua compreensão será a mais nobre.

2611. Ele prova a mesma coisa de outra forma. Pois se o primeiro motor é a substância mais nobre, ele tem o que há de mais nobre. Mas entre as coisas que possuímos, a mais nobre é a compreensão e o conhecimento. Portanto, se o primeiro motor tem o que há de mais nobre, ele tem a compreensão mais nobre; e isso é ter a compreensão do que há de mais nobre. Mas não há nada mais nobre do que ele mesmo. Portanto, ele compreende a si mesmo.

2612. Portanto, é evidente (1096).

Então ele responde à segunda questão, a saber, sobre o objeto inteligível do primeiro motor. E ele diz que é evidente, a partir do que foi dito, que o primeiro motor, que é Deus, compreende a si mesmo e não outra coisa, e que sua compreensão é a mais nobre e a mais perfeita. Pois se ele compreendesse outra coisa, sua compreensão dependeria dessa coisa e, portanto, não seria a mais nobre. Além disso, o objeto inteligível seria mais nobre do que o intelecto, o que é impossível.

2613. Ele também mostra que o primeiro motor não compreende algo diferente de si mesmo, porque compreender outra coisa implicaria que ele teria potencialidade, pois o intelecto que compreende outra coisa é especificado por essa coisa e, portanto, é potencial em relação a ela. Mas o primeiro motor é ato puro. Portanto, ele não pode compreender outra coisa senão a si

mesmo.

2614. Ele conclui, portanto, que a primeira substância, que é Deus, é intelecto, e que seu ato de compreender é a compreensão da compreensão, ou seja, uma compreensão que é reflexiva sobre si mesma. E assim, ele é o mais nobre e o mais perfeito, e sua compreensão é a mais nobre e a mais perfeita.

Ele prefacia sua discussão com alguns pontos necessários para responder às questões principais. Primeiro, apresenta dois pontos. Deduz o primeiro deles a partir da solução da questão que interpôs. Pois, se faz diferença para a nobreza do intelecto entender o que é bom ou o que é contingente, como foi dito (1092:C 2605), então, como o primeiro intelecto é o mais nobre, ele obviamente conhece o que é mais divino e mais honroso.

2607. O segundo ponto é a solução dada à última parte da segunda questão principal. A questão era se o intelecto do primeiro motor muda de um objeto inteligível para outro. Ora, é evidente que ele não muda de um objeto para outro. Pois, como ele entende o que é mais divino, se mudasse de um objeto para outro, mudaria para algo menos nobre; mas isso é adequado apenas a algo que tende ao defeito e à destruição. Além disso, essa mudança de um objeto inteligível para outro seria um tipo de movimento; e, portanto, não poderia ser adequada ao primeiro motor, já que ele é imóvel em todos os aspectos.

2608. Portanto, se o primeiro motor (1094).

Agora ele responde às questões levantadas inicialmente. Primeiro, apresenta a solução correta para a primeira questão; e segundo (1095:C 2611), a solução para a segunda questão ("Segundo, que").

Ele responde à primeira questão da seguinte forma. Se a substância do primeiro motor "não é seu ato de entender", isto é, sua própria atividade intelectual, mas uma potência intelectual, "é razoável", ou seja, parece seguir-se como conclusão provável, que "a continuidade de seu ato de entender", isto é, de sua operação intelectual, é laboriosa para ele. Pois tudo o que está em potência para algo está relacionado tanto a esse algo quanto ao seu oposto, porque o que pode ser também pode não ser. Portanto, se a substância do primeiro motor está relacionada ao seu ato de entender como potência para ato, então, de acordo com a natureza de sua própria substância, ele poderá tanto entender quanto não entender. Assim, o entendimento contínuo não será próprio a ele por razão de sua própria substância.

2609. Para não ser às vezes como alguém adormecido, ele deve derivar a continuidade de sua atividade intelectual de algo outro. Ora, tudo o que uma coisa adquire de algo outro e não possui por sua própria natureza é provavelmente laborioso para ela, porque isso é verdade no nosso caso; pois, quando agimos continuamente, trabalhamos. Mas essa conclusão não é necessária, porque aquilo que uma coisa adquire de algo outro é laborioso para ela apenas se a coisa adquirida ou algo conectado a ela é contrário à sua natureza. Portanto, mesmo que a continuidade do movimento dos céus dependa de algum princípio externo, tal movimento não é laborioso.

2610. Por isso, Aristóteles contentou-se aqui em reduzir ao absurdo a conclusão provável que se segue, porque a conclusão insustentável que necessariamente se segue é evidente, a saber, que a

bondade e a perfeição do primeiro motor dependeriam de alguma entidade superior; pois então ele não seria o primeiro e o melhor.

2611. Segundo, que há (1095).

Agora ele responde à segunda questão; e quanto a isso, faz três coisas. Primeiro, estabelece a resposta correta para a segunda questão. Segundo (1096:C 2617), argumenta do lado oposto da questão ("E seu ato de entender"). Terceiro (1098:C 2619), responde aos argumentos apresentados ("Mas em certos casos").

Ele diz, portanto, primeiro (1095), que, como foi mostrado (1094:C 2608) que a substância do primeiro motor não é uma potência intelectual, mas é ela mesma um ato de entender, é evidente disso que, se o primeiro motor não entende a si mesmo, mas algo outro, segue-se que essa outra coisa, isto é, o que é entendido por ele, é mais nobre do que o primeiro motor.

2612. Ele prova isso da seguinte forma. O próprio ato de entender atual, isto é, o pensar, também pertence a quem entende a coisa mais vil. Portanto, é evidente que algum ato de entender deve ser evitado, porque há algumas coisas que é melhor não ver do que ver. Mas isso não seria o caso se o ato de entender fosse a melhor das coisas, pois então nenhum ato de entender teria de ser evitado. Portanto, como algum ato de entender deve ser evitado devido à vileza da coisa entendida, segue-se que a nobreza do intelecto, que se encontra no seu entender, dependerá da nobreza do seu objeto. Portanto, o objeto inteligível é mais nobre do que o ato de entender.

2613. Como foi mostrado que o primeiro motor é seu próprio ato de entender, segue-se que, se ele entende algo diferente de si mesmo, essa outra coisa será mais nobre do que ele. Portanto, como o primeiro motor é o mais nobre e o mais poderoso, ele deve entender a si mesmo; e, no seu caso, o intelecto e a coisa entendida devem ser o mesmo.

2614. Agora, devemos ter em mente que o objetivo do Filósofo é mostrar que Deus não entende algo outro, mas apenas a si mesmo, na medida em que a coisa entendida é a perfeição de quem entende e de sua atividade, que é o entender. Também é evidente que nenhuma outra coisa pode ser entendida por Deus de tal modo que seria a perfeição do Seu intelecto. Não se segue, no entanto, que todas as coisas diferentes de Ele não sejam conhecidas por Ele; pois, entendendo a Si mesmo, Ele conhece todas as outras coisas.

2615. Isso é esclarecido da seguinte forma. Como Deus é Seu próprio ato de entender e é o ser mais nobre e mais poderoso, Seu ato de entender deve ser o mais perfeito. Portanto, Ele entende a Si mesmo da maneira mais perfeita. Ora, quanto mais perfeitamente um princípio é conhecido, mais perfeitamente seu efeito é conhecido nele; pois as coisas derivadas dos princípios estão contidas no poder de seu princípio. Portanto, como os céus e toda a natureza dependem do primeiro princípio, que é Deus, Deus obviamente conhece todas as coisas entendendo a Si mesmo.

2616. E a vileza de qualquer objeto de conhecimento não diminui Sua dignidade; pois o ato de entender algo mais vil deve ser evitado apenas na medida em que o intelecto se absorve nele, e quando, ao entender aquela coisa, o intelecto é desviado do entendimento de coisas mais nobres. Pois, se ao entender algo mais nobre, coisas vis também são entendidas, a vileza das coisas entendidas não diminui a nobreza do ato de entender.

2617. E seu ato de entendimento (1096).

Em seguida, ele levanta duas objeções contra a solução correta. A primeira é a seguinte. O primeiro motor entende a si mesmo, como foi demonstrado acima (1095:C 2615); e ele é o seu próprio ato de entendimento, como também foi demonstrado (1094:C 2608). Portanto, seu ato de entendimento não difere do seu ato de entender o próprio pensamento. Mas isso é contrário ao que parece ser verdade, pois percepção, ciência, opinião e pensamento sempre parecem ser sobre outra coisa. E se, às vezes, são sobre si mesmos, como quando alguém percebe que percebe, ou sabe que sabe, ou tem a opinião de que tem uma opinião, ou pensa que está pensando, isso parece ser algo adicional ao ato ou operação principal; pois o ato principal aqui parece ser aquele pelo qual alguém entende um objeto inteligível. Mas que alguém entenda que está entendendo algo inteligível parece ser acessório ao ato principal. Assim, se o ato de entendimento do primeiro motor consiste unicamente em entender o próprio pensamento, parece seguir-se que seu ato de entendimento não é a coisa mais importante.

2618. Além disso, se entender (1097).

Em seguida, ele levanta uma segunda objeção contra a solução correta. Ele diz que o ato de entendimento e a coisa entendida são obviamente diferentes; e mesmo que fosse possível que um intelecto e seu objeto fossem o mesmo na realidade, eles não seriam o mesmo em sua estrutura formal. Portanto, se o primeiro motor é ele mesmo tanto seu ato de entendimento quanto o objeto que está sendo entendido, que é a melhor das coisas, ainda parece haver o problema de qual destes lhe confere bondade, ou seja, seu ato de entendimento ou a coisa entendida.

2619. Mas em certos casos (1098).

Ele agora responde às objeções levantadas. Ele diz que, em certos casos, a coisa entendida é o mesmo que o conhecimento dela. Isso se torna claro quando fazemos uma distinção entre as ciências; pois um tipo de ciência é produtiva e outro é especulativa. No caso de uma ciência produtiva, a coisa entendida, tomada sem matéria, é a ciência dessa coisa; por exemplo, é claro que uma casa sem matéria, na medida em que existe na mente do construtor, é a própria arte de construir; e, da mesma forma, a saúde na mente do médico é a própria arte médica. Assim, uma arte produtiva evidentemente não é nada além da substância ou quiddidade da coisa feita; pois todo artista procede ao seu trabalho a partir de um conhecimento da quiddidade que pretende produzir.

2620. No caso das ciências especulativas, é evidente que o conceito, que define a própria coisa, é a coisa entendida e a ciência ou conhecimento dessa coisa. Pois um intelecto tem conhecimento pelo fato de possuir o conceito de uma coisa. Portanto, uma vez que em todas aquelas coisas que não têm matéria o intelecto, quando realmente entende, não difere da coisa entendida, então, no caso da primeira substância, que é separada da matéria no mais alto grau, o ato de entendimento e a coisa entendida são evidentemente os mesmos no mais alto grau. Portanto, há apenas um ato de entendimento pertencente à coisa entendida; isto é, o ato de entender a coisa entendida não é distinto daquele de entender o ato de entendimento.

2621. No entanto, a dificuldade (1099).

Aqui ele levanta uma terceira questão além das duas tratadas acima. Pois, uma vez que foi demonstrado (1074:C 2544) que o primeiro motor entende a si mesmo, e uma coisa é entendida de duas maneiras: primeiro, por meio de um entendimento simples, como entendemos uma quiddidade, e segundo, por meio de um entendimento composto, como conhecemos uma proposição, surge então a questão de saber se o primeiro motor entende a si mesmo por meio de um entendimento simples ou por meio de um composto. É a isso que ele se refere quando diz que a dificuldade ainda permanece sobre se o objeto do entendimento de Deus é composto.

2622. Agora ele mostra que não é composto quando diz (1099) "pois se é"; e ele dá três argumentos em apoio a isso. O primeiro é o seguinte. Em todo objeto composto de entendimento, há várias partes que podem ser entendidas separadamente. Pois, embora este objeto composto de entendimento *Homem corre*, na medida em que é um objeto composto, seja entendido de uma só vez, suas partes podem, no entanto, ser entendidas separadamente. Pois o termo *homem* pode ser entendido por si só, e o termo *corre* também. Portanto, quem entende algum objeto composto pode ser mudado quando seu ato de entendimento passa de uma parte para outra. Logo, se o primeiro objeto inteligível é composto, segue-se que o intelecto pode mudar quando seu ato de entendimento passa de uma parte desse objeto para outra. Mas o contrário disso foi provado acima (1098:C 2619).

2623. Agora, o que (1100).

Em seguida, ele dá o segundo argumento. O que não tem matéria é simples e indivisível. Mas o primeiro intelecto não tem matéria. Portanto, é simples e indivisível.

2624. Ele dá como exemplo o intelecto humano, e este exemplo pode ser tomado de duas maneiras. Primeiro, pode ser tomado como uma comparação, significando que o intelecto humano é indivisível em sua própria essência, porque é uma forma imaterial em todos os aspectos.

2625. Também pode ser tomado de uma segunda maneira, melhor, como um contraste, significando que o intelecto humano conhece coisas compostas porque deriva seus objetos inteligíveis de coisas materiais. E isso não é verdade para o primeiro intelecto.

2626. E o ato (1101).

Aqui ele dá o terceiro argumento. A bondade da primeira substância, que é Deus, não é aumentada por qualquer coisa que venha depois. Mas, se o objeto do entendimento divino fosse composto, sua bondade seria aumentada; pois a bondade de um composto é maior que a de cada uma de suas partes consideradas separadamente. Portanto, o objeto do entendimento divino não é composto. E isso é o que ele quer dizer quando afirma que a posse do bem que Deus entende em si mesmo não lhe advém de algo exterior, mas é ele mesmo. E, portanto, o ato pelo qual ele entende a si mesmo é o mesmo que ele mesmo, e a bondade que ele possui por este ato é a mesma que ele possui por sua essência.

Ele apresenta o terceiro argumento. Um ato de entendimento que se ocupa de coisas compostas não possui sua perfeição sempre, mas a alcança ao longo de um período de tempo. Isso fica claro pelo fato de que ele não atinge seu bem ao conhecer uma parte ou outra, mas seu maior bem é algo outro, que é uma espécie de todo. Por isso, a verdade (que é o bem do intelecto) não é

encontrada em coisas simples, mas em uma coisa composta. Além disso, coisas simples são anteriores às coisas compostas tanto em relação à geração quanto ao tempo, de modo que tudo que não possui seu próprio bem ao conhecer partes que podem ser entendidas separadamente, mas ao conhecer o todo que é constituído por elas, atinge seu bem em algum momento particular e não o possui sempre. — No entanto, o ato de entendimento do primeiro motor, que é de si mesmo, é eterno e sempre no mesmo estado. Portanto, a coisa entendida pelo intelecto do primeiro motor não é composta.

Revision #2

Created 19 September 2026 12:39:15 by Admin

Updated 19 September 2026 12:47:26 by Admin